

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 17.)

496.º O nossos agricultores não deixão, em alguns pontos do littoral, de fazer uso destes estrumes, mas estão muito longe de os utilizar quanto fôra para de-sejar. O seu emprego quando judicioso não só fertilisa espantosamente os terrenos, reparando as suas forças productivas; mas excita ao mesmo tempo a acção vital das plantas; por isso que elles não obrão sômente como estrumes; mas tambem como estimulantes, em consequencia do sal marinho que contem. Tambem a sua applicação é muito geral e conhecida desde tempo immemorial nas costas do Oceano; e principalmente na Bretanha, na Normandia, na Galliza, e em todo o Portugal, mas com especialidade nas provincias do Minho e Algarve.

497.º As vantagens particulares destes estrumes merecem ser aqui mencionadas. Ouçamos o que nos diz a este respeito o celebre agronomo *John Sinclair*. «Estes estrumes apresentão singulares vantagens — elles não contem sementês de más hervas, e decompõem-se com uma certa rapidez — elles são immediatamente uteis às plantas sem exigir um longo processo de preparação. Com o seu soccorro o agricultor pôde cultivar mais frequentes vezes cereaes ou plantas verdes para enterrar, e augmentar assim a quantidade dos seus adubos. Não se podem pôr em duvida os seus bons effeitos, nem objectar cousa alguma contra o seu emprego, a não ser que os grãos por elle produzidos são (se por ventura devemos acreditar alguns cultivadores) de uma qualidade inferior.»

498.º Os limos, e outras plantas aquaticas arrancadas do fundo dos rios e dos pantanos; e geralmente todos os despojos da vegetação, como folhas e ramos de arvores e arbustos, as canas, os tojos, os fetos, as urzes, os frutos apodrecidos, o pé da uva, o bagaço da azeitona, &c. devem aproveitar-se como estrumes, posto que a sua acção seja menos energica do que a das plantas marinhas.

### Estrumes animaes.

499.º Estes estrumes, que são um resultado da decomposição das substancias organicas do reino animal, tem sido considerados em todos os tempos como os mais ricos agentes da fertilidade das terras.

500.º O cultivador deve pois empenhar toda a sua attenção e cuidado em aproveitar todos os despojos e detritos animaes, na certeza de que tudo o que delles poder colligir será sempre pouco em relação às exigencias e necessidades da cultura. Assim os tecidos, o sangue e toda a casta de excreções animaes devem ser sollicitamente aproveitados como meios poderosos de reparar as perdas, que a terra experimenta em quanto fornece às plantas os materiaes da sua nutrição.

501.º Os estrumes animaes são mais pingues que os vegetaes em consequencia das substancias azotadas de que superabundão. Os segundos ministram às plantas muito acido carbonico, e pouco azote; os primeiros ambas estas substancias, e particularmente a ultima debaixo da forma de *ammonia*, que é uma das combinações azotadas mais simples e frequentes da natureza.

502.º As carnes, o sangue, os ossos, os cornos, e os excrementos são as substancias que mais geralmente se utilisão como estrumes. Tanto as carnes como o sangue costumão ordinariamente empregar-se ou misturando-se com terras e substancias vegetaes, depois de haverem sido previamente submettidas a uma conveniente putrefacção, ou enterrando-se antecipadamente a alguma profundidade e distancia das plantas, que desejamos beneficiar. Estes adubos, quando se não tomão estas precauções, não só destroem as plantas em virtude da sua causticidade, mas imprimem-lhes um gosto e um sabor repugnante.

503.º Os ossos e cornos devem ser reduzidos a fragmentos; os primeiros a um pó grosso, e os segundos a aparas para serem depois applicados aos terrenos, que enriquecem e fertilisão durante muitos annos.

504.º Os excrementos animaes, a que se dá tambem o nome de *estercos*, são o melhor, e o mais rico de todos os adubos. O seu uso é universal em toda a parte, onde as terras são submettidas á cultura. Uns são porém mais pingues e poderosos do que outros.

Depois dos excrementos humanos que são os mais substanciaes e azotados, os das aves domesticas, e muito particularmente o dos pombos, conhecido pelo nome de *colombino*, paixão por ser os mais activos e quentes de todos. Riquissimos em combinações azotadas elles entrão facilmente em fermentação, e é mister empregal-os em pequenas doses para não serem nocivos á vegetação. Utilisào-se de preferencia nas culturas industriaes, como as do *tabaco*, *linho*, *colza*, &c.

505.º O *guano*, esse adubo tão afamado, hoje objecto de extenso commercio, tão geralmente applicado na America, e que se encontra abundantemente em algumas ilhas do mar do sul, é tambem um excremento de aves, que ainda excede o *columbino* em actividade.

506.º O esterco das ovelhas é depois do das aves o mais quente e activo; a sua acção é prompta e energica, mas pouco duradoura. Para melhor aproveitar os excrementos destes animaes uteis a tantos respeitoes ao lavrador é costume fazel-os pernoitar em rediz ou espaços de terreno descubertos, circumscripitos por cancellas, redes e pallissadas moveis, que se transferem facilmente de um para outro lugar. Deste modo os excrementos destes animaes são immediatamente recolhidos pelo solo, que impregnando-se delles vae sendo parcial e successivamente adubado. E' porém necessario lavar o campo antes e immediatamente depois de estrumado, para que os principios gazosos tanto os provenientes das excreções alvinas, como das urinarias se não volatilisem.

507.º A acção dos estrumes destes animaes é tão poderosa que os nossos lavradores calculão o seu valor em muito mais do que o valor do leite e dos queijos que elles produzem. Assim é geral entre elles a crença de que sem bons rebanhos de ovelhas não se podem ter boas searas. E na verdade as que crescem nos terrenos onde se estabeleceram os *rediz* ou as *malhadas* distinguem-se á primeira vista das dos terrenos circumstantes, que não foram beneficiados por este precioso adubo.

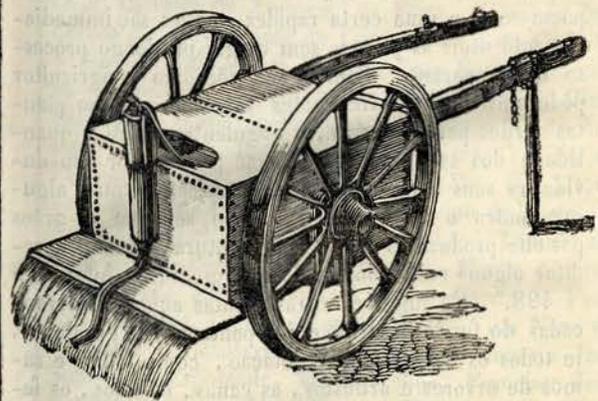
508.º O estrume do cavallo é tambem muito recommendavel pela sua força, mas é preciso empregalo bem curtido para que não infeste os terreos com muitas sementes de hervas ruins, que não tendo sido alteradas pelas forças digestivas deste animal, vão depois germinar com prejuizo das culturas, a que dedicámos o solo. E' por esta razão que os agricultores mais experimentados o empregão desde logo nas culturas sachadas, que destroem aquellas hervas ruins e predispoem os terrenos para as culturas dos cereaes.

509.º O estrume do boi é mais frio e menos poderoso que o do cavallo. Convem particularmente aos terrenos aridos e siliciosos, porque lhes communica a frescura e humidade de que precisam. A sua fermentação é menos rapida, e os seus principios nutritivos menos abundantes.

510.º A natureza e a efficacia de todos estes estrumes varia segundo a natureza e a copia dos alimentos dados aos animaes. Os agricultores que tiverem o boni juizo de nutrir bem os seus gados terão não só uma maior quantidade, senão tambem uma melhor qualidade de estrumes. O bom alimento dos gados deve ser um dos primeiros cuidados do lavrador. E não é sómente por humanidade e reconhecimento, que elle deve trazer bem nutridos e pensados os animaes, que o ajudão nos afanosos trabalhos do campo, é tambem por conveniencia propria; a fim de lhes produzirem mais trabalho, maior copia de substancias alimentares, e uma maior abundancia de adubos.

511.º A mistura de todos os estrumes que temos mencionado produz um adubo, que se póde empregar com vantagem em todas as culturas, porque os defeitos de cada estrume em particular ficão deste modo corrigidos pelas diversas qualidades dos outros. O cultivador deve por tanto misturar todos os seus estrumes uns com os outros para os tornar mais apropiados ao melhoramento das terras.

512.º As excreções urinarias dos animaes domesticos reforçadas com outras substancias organicas, como sangue, excrementos humanos, &c. são tambem empregadas como estrumes liquidos por muitos cultivadores. Estes estrumes são recolhidos em reservatorios subterraneos praticados nos logares mais baixos dos curraes e das estrebarias, e depois de terem ali experimentado uma avançada fermentação, e de terem sido misturados com uma quantidade igual de agoa são transportados para os campos em pipas ou carros feitos de folha de ferro com a fórma manifestada pela estampa que apresentamos em seguida; e ali derramados por igual como se pertendessemos submeter o terreno a uma ligeira irrigação.



513.º E' principalmente na Flandres, na Suissa e no norte da França, que se faz um uso extenso deste estrume. O vigor que as plantas adquirem quan-

do são regadas com elle é incontestavel; mas o seu emprego não deixa de ter graves inconvenientes, que provavelmente tem obstado e continuarão a obstar à sua generalisação. Primeiramente o cheiro que d'elle se desprende é repugnatissimo ao homem e aos animaes que se prestão sempre com grande reluctancia á sua transportação; e até se communica, segundo se diz, a algumas plantas, como são os nabos, as batatas, e as betarrabas: em segundo logar a sua decomposição, sendo muito rapida, elle subministra desde logo ás plantas grande copia de principios alimentares, mas deixa depois de lhos subministrar com prejuizo do seu progressivo desenvolvimento.

514.º O uso mais geralmente adoptado de aproveitar estas excreções deixando impregnar as camas dos gados com ellas, é talvez preferivel ao uso flamengo e suizo; e principalmente nos paizes quentes como o nosso, em que as decomposições putridas das substancias organicas se estabelecem e consummão com tanta rapidez.

#### *Estrumes vegeto-animaes.*

515.º De todos os estrumes são os *vegeto-animaes* os que mais frequentemente se usão na agricultura. São uma mistura de substancias animaes e vegetaes. E' nos curraes, nas arribanas, e nas estrebarias, que mais communmente se confecciona este excellente adubo. Elle resulta da combinação das excreções dos animaes domesticos com os despojos das plantas, que lhes serviram de leite ou de cama, e que se foram successiva e periodicamente renovando. Estas camas são feitas com palha, folhas, tojos e outros vegetaes herbaceos ou sublenhosos de facil maceração. E' deste estrume a que mais particularmente se dá o nome de *esterco*, que *Oliveira de Serres* — esse cultivador esclarecido do reinado do bom Henrique 4.º — dizia o seguinte « E' o esterco que remoça, aquece, engordura, adoça, doma e fortalece as terras cançadas pelo grande trabalho, e as que de si são frias, magras, duras, rebeldes e de difficil cultura; tantas são as suas virtudes! » Esta rapida exposição das qualidades deste estrume é tão precisa e elegante como philosophica e verdadeira!

516.º Os estrumes *vegeto-animaes* são a grande base sobre que repousa a boa agricultura; são a condição capital de um bom systema agronomico: mas como estes estrumes não podem haver-se sem gados é claro que estes são a primeira necessidade do agricultor. Sem gados, diz *Villeroy*, não ha agricultura, e sem muitos gados não ha boa agricultura. Esta maxima é de uma exactidão incontestavel — mas para que ella se realice é necessario que os gados sejam sustentados nos *estabulos*, a fim de poderem ser aproveitados os seus estrumes; e para que a *estabulação* possa levar-se a effeito ainda é necessario dispôr de uma grande copia de forragens ou de bons prados na-

turaes e artificiaes. Pena é que os nossos agricultores não apreciem geral e devidamente toda a importancia deste methodo para a prosperidade de uma empreza agricola! — Reservemos porém para outro logar o tratar com mais detenção deste interessante assumpto.

517.º Quando os gados são sustentados nos curraes produzem uma grande abundancia de estrumes, principalmente se houver todo o cuidado em lhe renovar frequentemente as camas, e se estas forem de despojos vegetaes proprios a absorver todas as suas dejectões. Segundo as esclarecidas observações de Mr. de Dombasle cada cabeça de gado grosso pôde produzir annualmente para cima de vinte carradas de estrume, uma vez que o animal seja nutrido e pensado dentro do curral como deve ser; ao passo que só produz quatro quando anda a pasto durante o dia; e durante todo o tempo na boa estação. Que riqueza por tanto perde o lavrador em não submeter todo ou ao menos parte do seu gado grosso ao systema da *estabulação*! Nós não ignoramos com tudo que este systema não pôde nem deve em certas localidades adoptar-se repentinamente, nem a transição de um para outro systema agronomico pôde deixar de ser mesurada e gradual; mas é preciso que pouco a pouco se vão instituindo estes melhoramentos, e no fim de alguns annos terão desaparecido as principaes difficuldades que se oppõem á sua adopção.

518.º Em geral não se applica grande attenção á maneira porque se devem dispôr e ordenar as esterqueiras; mas os bons agricultores põem nisso grande cuidado. O terreno que deve servir ás esterqueiras deve ser previamente revestido de uma camada de argila formando um plano levemente inclinado circumscripto por uma goteira ou canal para que os sucos que mannam dos estrumes não sejam absorvidos pela terra, e se escoem por aquelle canal para um reservatorio visinho a fim de serem convenientemente utilizados já como estrumes liquidos, já na humectação das camas dos gados no acto de se mudarem. A estrumeira deve estar proxima do curral, e furtada á acção forte e continua do sol ou das chuvas, que precipitando a fermentação, fazem evaporar muitos principios nutritivos. E' por isso conveniente ou cubril-a com colmo ou estebelec-a debaixo de algum pequeno telheiro.

519.º A pratica de misturar as terras e principalmente a marga com os estercoes tem sido geralmente aconselhada; e na verdade ella poderá obstar a que se desprendam alguns gases; mas por outra parte apresentando o inconveniente de tornar mais dispendiosa a transportação dos estrumes, esta pratica tem sido censurada pelo celebre pratico ha pouco citado no seu *Calendario do bom cultivador*.

520.º Em muitas das nossas provincias, talvez em todas, servem-se dos *tojos*, *codeços*, *carqueijas*, *fetos*, &c., para os lançar nos curraes, nos pateos, e mesmo nas estradas com o fim de serem triturados pelos animaes, de lhes servirem de camas, e de se impre-

gnarem das suas excreções. Este processo é muito usado na Estremadura, no Alemtejo, e principalmente no Minho—nesta ultima provincia destinam-se até terrenos, a que se dá o nome de *bouças*, expressamente á cultura do tojo, planta que depois cortam e utilizam como a principal base das suas estrumeiras.

521.º A maneira mais geral de empregar estes estrumes consiste em transportal-os para os campos, dispol-os em montes equidistantes; espalhal-os depois por igual no terreno, e enterral-os immediatamente ao arado ou á enxada. Alguns agricultores tem o pessimo costume de deixar por largo tempo o esterco nos campos sem o enterrar. Este costume deve ser severamente condemnado, porque os estrumes assim expostos á acção das influencias atmosfericas perdem uma grande parte da sua fertilidade. Na Flandres, e nos paizes onde a agricultura tem subido a um certo gráu de perfeição, apenas o estrume se descarrega no campo é immediatamente enterrado. E os flamengos são tão diligentes nesta operação, que nem esperam que o campo esteja todo esterçado para procederem a ella, mas vão enterrando o estrume á proporção que o espalham. Esta diligencia merece ser imitada em toda a parte.

#### *Estrumes compostos.*

522.º Os *estrumes compostos* são adubos artificiaes formados por substancias de diversa natureza tiradas dos dois reinos organico, e inorganico.

523.º Os excrementos humanos lançados na terra abraçam as plantas pela grande quantidade de *ammonia* que contem; mas misturados com cinzas, com carvão, com cal, e mesmo com outras terras perdem a sua causticidade abrazadora e formam um estrume composto dotado de uma grande fertilidade. Os *chins* não se servem de outro estrume para adubar os campos em que semeam os trigos.

524.º Os empregarios da limpeza de Pariz utilisaram ultimamente aquelles excrementos misturando-os com terras, e submetendo a mistura ao calor de fornos construidos expressamente para aquelle fim; pulverisam-na depois reduzindo-a a uma especie de terricho, e vendem-na debaixo do nome de *poudrette*. Este adubo apresenta uma incrível fecundidade, e emprega-se em grande escalla nos arredores daquella cidade.

525.º Quando ha falta de plantas para formar os leitões dos gados nos curraes lança-se muitas vezes mão de terras calcareas e marnosas para servirem de excipiente ás dejeções animaes; estas terras depois de sobrecarregadas de substancias organicas constituem um bom estrume composto—outras vezes misturam-nas com o esterco dos curraes que adquire neste caso além das propriedades dos adubos organicos as dos correctivos, com que tambem se podem melhorar mechnicamente os terrenos.

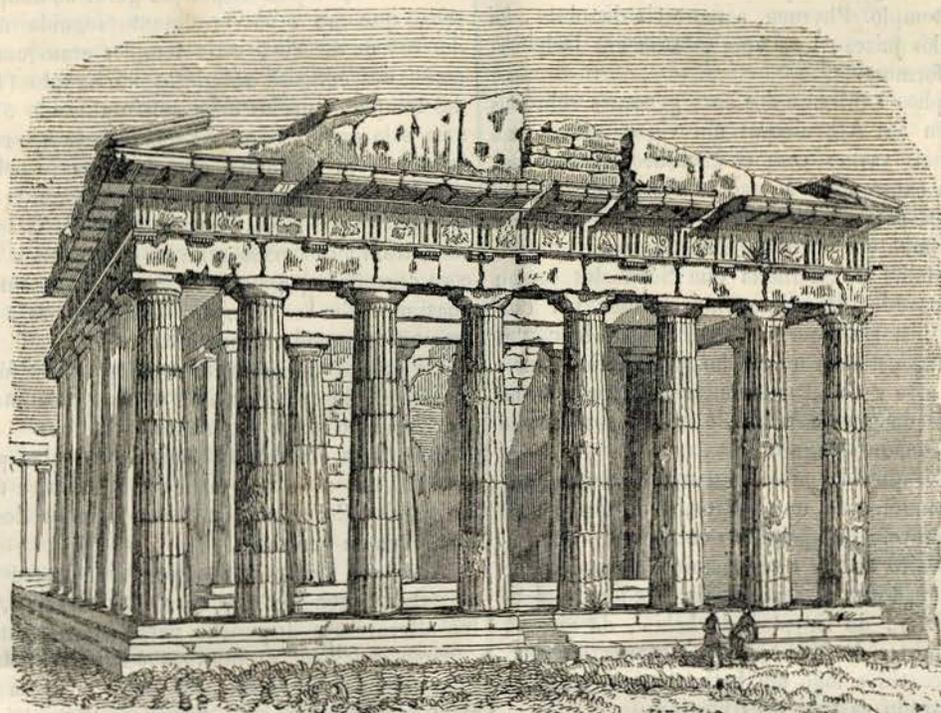
326.º Finalmente são ainda consideradas como estrumes compostos não só as immundicies e varreduras das ruas das cidades que são adubos de uma complicada composição e de uma grande actividade; senão tambem as lamas e depositos lodosos dos fossos, dos rios, dos lagos, e dos pantanos, que não devem empregar-se senão depois de uma completa putrefacção por causa das variadas sementes de hervas ruins, que contem.

Esta succinta exposição que acabamos de fazer sobre os variados adubos organicos é propria para persuadir aos cultivadores que existem dispersas em torno delles um grande numero de substancias inteiramente abandonadas e perdidas que poderiam ser aproveitadas no adubo das terras; e que é do seu immediato interesse utilisar todas aquellas substancias augmentando com ellas a massa dos seus estrumes.

*José Maria Grande.*

*(Continua.)*

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### A ARTE.

#### GRECIA.

#### I.

#### Architettura.

Os poemas de Homero já tinham soado pela Grecia inteira, e acordado a actividade intellectual deste povo delicado e artista, quando uma nova revolução agitou profundamente os povos ainda comovidos pela ultima guerra heroica. Os Dorios conduzidos pelos descendentes de Hercules cahiram sobre o Peloponeso, expulsando do seu territorio *Æolos* e *Acheos*: estes, retirando-se para o norte, desalojaram os *Jonios*, que foram com os *Æolos* recolher-se na *Attica*.

Depois desta revolução, a ultima que abalou a Grecia e deslocou as populações, as cidades começaram a construir-se debaixo da influencia das leis. A historia geral da Grecia calla-se aqui, para dar lugar ás historias das associações isoladas e distinctas, que caminão para fins diversos, que luctão e se destroem umas ás outras.

De todos estes Estados da Grecia os primeiros fo-

ram *Athenas* e *Sparta*. *Athenas* formada pela reunião dos *Helenos* com os orientaes, companheiros de *Cécrops*, foi a cidade das artes e da philosophia: *Sparta* habitada pela raça grosseira e robusta dos *Dorios*, foi a patria da guerra.

As leis de *Lycurgo* enthronisaram o espirito da conquista, dando a uma cidade inteira a organisação de um exercito. Uma existencia simples e em communiidade, um respeito cego ás leis que condemnavam o luxo e exigião de cada homem a força, a astucia, a coragem fria do soldado, a falta absoluta de sentimentos brandos, e de virtudes domesticas, tornaram os habitantes de *Sparta* improprios para cultivarem a litteratura e as artes.

*Athenas* sacudiu cedo o jugo que nos primeiros tempos fizeram pezar sobre ella os chefes da raça dominante; se alguma vez depois se deixou governar por um homem foi a um *Pisistrato* ou a um *Péricles* que se submetteu.

O espirito da liberdade fecundou o genio das artes. Homens profundamente convencidos do seu valor individual, acostumados a decidir nas assembléas publicas das luctas do talento e da eloquencia, e a recompensarem tanto as inspirações do artista como as victorias do general, os *Athenicenses* attingiram o grão

mais elevado de perfeição intellectual, e adquiriram o sentimento do bello no que nelle ha de mais puro.

Este sentimento foi tão forte nos povos da Grecia e das colonias, que os levou a acatarem a belleza ainda mais do que a virtude. Philippe de Crotona, porque era bello, foi digno de que os Sicilianos lhe alevantassem um templo. Phyrnea, a meretriz dissoluta, foi absolvida pelos juizes, teve uma estatua em Delphos, porque era formosa.

Os triumphos sublimes dos seus generaes sobre os Persas deram aos Athenienses um vigor novo, uma inspiração mais vasta: com os thesouros ganhos nas batalhas, ou extorquidos ás nações avassaladas, Péricles fez da sua patria a mais bella cidade do mundo.

Eschylo combatem em Marathona, Euripedes nasceu no dia da batalha de Salamina que Sóphocles cautou n'um côro sagrado. Herodoto emprehendeu por este tempo a sua historia immortal, e Phidias abriu com o cinzel as suas estatuas maravilhosas. O periodo mais brilhante da arte e da litteratura grega, começou na epoca gloriosa da guerra méda, e estendeu-se até ao tempo de Alexandre-Magno.

Athenas, enriquecida pelos thesouros de Délos, cobriu-se de monumentos, de theatros, e de templos do precioso marmore. O viajante, ao entrar no porto Pireu, ficava atonito de vêr o sem numero de navios que se cruzavam em todos os sentidos carregados de mercadorias da Siria, do Egypto, da Libia, da Sicilia, e dos outros portos do Mediterraneo: ao pôr o pé em terra, elle encontrava logo um bello theatro, templos, e estatuas ornando as ruas e os porticos.

Entre o Pireu e Athenas estendia-se uma immensa muralha, que prendia estes dois membros de um mesmo corpo. Seguindo esta muralha, o viajante entrava na cidade por uma rua enriquecida de porticos, ora isolados, ora unidos a edificios sumptuosos. Antes de chegar á praça das assembléas havia um portico, coado de estatuas, que representavam Theseu precipitando Sciron ao már, e a Aurora roubando Cephalo, e tendo á porta um Pindaro de bronze, com um livro sobre os joelhos e uma lyra na mão, este portico denominava-se o Portico-Real: nelle por vezes se reunia o Areopago.

A' entrada da praça se alevantavam dois porticos, um chamado de Hermes, outro o *Pacilo*. Este, o mais precioso de todos, tinha á porta a estatua de Solon, e era interiormente ornado por um grande numero de pinturas dos melhores mestres de Athenas, representando episodios das guerras gloriosas da Grecia.

O mais bello edificio que ornava a praça era o templo de Theseu, que serviu de modello ao magnifico templo de Minerva, ao celebre Parthenon.

Este templo de Theseu, um dos monumentos religiosos de Athenas, cuja construcção remonta a uma epoca mais afastada, foi edificado 465 annos antes de Christo, trinta annos antes da edificação do Parthenon. Este edificio era de ordem dórica, *hexastilo*, is-

to é, com seis columnas no frontispicio, e formado de um peristilo e do templo propriamente dito ou *cella*, que constava de um *prónaos*, de um *náos* ou santuario, e de um *opistodomo*, casa onde se guardavam alfaias e thesouros.

Como se vê pela disposição geral do templo de Theseu, que era a universalmente seguida nos templos *dóricos* da Grecia, estes templos eram uma simplificação dos edificios religiosos do Egypto (1). O *náos* dos templos egipcios acha-se simplificado e reduzido a uma sala unica: os muros que fechavam o recinto desappareceram tambem, e só ás vezes se acham substituidos pelos bosques sagrados: as columnas tornaram-se ligeiras, e simples: os *pylones* e *obeliscos* já se não encontram; os baixos-relevos, os ornatos e as inscrições sagradas apagaram-se, para deixarem os muros quasi nus. Em vez da vastidão encontra-se a harmonia; em vez da grandeza manifesta-se a graça.

Os gregos descobriram tres typos ou fórmulas primordiais, de que deduziam os seus monumentos, e a que deram o nome de *ordens*.

As ordens eram tres; duas descobertas pelas colonias da Asia-menor, a *dorica* e a *jonica*, e uma achada na rica Corintho, que tirou o nome desta cidade e se chamou *corinthia*.

A ordem *dorica* é a origem de que se derivaram as outras; que lhe modificaram o character, mas sem lhe alterarem a disposição geral dos membros.

Uma *ordem* de architectura é representada por um grupo regular de corpos, de que a columna é o principal, que formam uma harmonia geometrica perfeita. De tres partes se compõe uma ordem completa, o *pedestal*, a *columna*, e o *entablamento*: estas partes tiveram no principio dimensões arbitrarías, porém a experiencia e o gosto determinou-lhe definitivamente as fórmulas.

O *pedestal* tem tres partes, a *base* composta de molduras simples, o *dado* que é o corpo do pedestal, e a *cornija* que constitue o seu coroamento. O pedestal, que sustenta simultaneamente muitas columnas, toma o nome de *embasamento*. O pedestal simplificado a ponto de ser uma simples moldura quadrada, como acontece ás vezes na ordem *dorica*, chama-se *plintho*.

A *columna*, que é a mais nobre de todas as peças da architectura, tem tambem tres partes, que são, a *base* formada de molduras simples como a do pedestal, o *fuste*, corpo da columna arredondado mas não cilindrico, umas vezes lizo, outras cavado em estrias ou *crasas*, e finalmente o *capitel* corda elegante e graciosa, que se sobrepõe á massa total.

A ultima das divisões da *ordem*, o *entablamento*, que se encosta immediatamente sobre a columna, é tambem composta de tres partes, a *architrave* sempre simples e despida de ornatos e baixos-relevos, o *frizo* ou *cimalha*, que se lhe segue logo acima, or-

(1) Vide o artigo = EGIPTO =

nado de *triglyphos* (ornatos compostos de duas *cracas* triangulares, e de duas meias *cracas* ou *estrias* lateraes) na ordem dórica, e de esculpturas nas outras ordens; superiormente ao frizo está a *cornija* composta de molduras, mais ou menos ricas.

A ordem *dórica* é simples, sobria de ornatos; a sua columna, nos edificios gregos, não tinha pedestal, era curta em relação á grossura, grave, e coroada por um capitel muito simples. O frizo tem um ornato especial, que o distingue dos frizos das outras ordens, é o *triglypho*: os intervallos dos *triglyphos* (*metopas*) eram ordinariamente aformoseados por baixos-relevos.

A ordem *jonica* tem columnas mais esbeltas do que a *dórica*; o seu capitel distingue-se por uns ornatos contornados graciosamente como os cabellos das mulheres da Jônia, e que se chamam *volutas*. O frizo do entablamento nesta ordem, pôde receber esculpturas.

Uma inconsolável corinthia, depoz um dia sobre o tumulo de sua filha, entre ciprestes e cevadilhas floridas, um cesto de fructos saborosos, dom piedoso de saudade e de amor: em roda do cesto cresceu um pé de acanto, cujas folhas largas e viçosas se curvaram em voluta. Callimaco, esculptor atheniense, passando proximo do tumulo e notando com admiração o effeito das folhas, e a belleza da sua disposição, concebeu e desenhou logo o capitel da ordem *corinthia*, que ficou sendo entre as ordens gregas a mais rica em ornatos, a mais ligeira nas formas, a mais formosa na distribuição geral.

Estas ordens não nasceram do desenvolvimento successivo e lento de um dado primordial, como geralmente se julga: os gregos não passaram gradualmente do dórico pezado, ao jonico robusto, e deste ao corinthio gracioso. A ordem *dórica* parece ser a primeira descoberta; porém a passagem para as outras ordens foi rapida, quasi simultanea. Os templos de Diana em Epheso e de Juno em Samos, edificdos segundo o modello jonico, são sem nenhuma duvida tão antigos como os templos dóricos de Pestuma e de Sicilia.

Os artistas da Grecia não foram escravos das regras, como o são os nossos architetas de hoje: os edificios não se correspondem exactamente nas proporções, apresentam variedade sem com tudo conterem desharmonias. O que os gregos procuravam antes de tudo era desenvolver livres e puras as linhas orizontaes, ainda que não tivessem uma relação perfeita com as perpendiculares: desejosos de produzir effeito, sacrificavam a regularidade geometrica á perspectiva. O compasso podia achar erros, onde os olhos notavam bellezas.

O templo de Segesto na Sicilia, por exemplo, dórico e *hexastilo* como a maior parte dos templos gregos, apresenta uma irregularidade, que os architetas modernos julgariam indisculpavel. Os espaços entre as columnas do perystilo (os *intercolumnios*), em vez de serem todos eguaes, diminuem na proximida-

de dos angulos: esta irregularidade contribue com tudo para dar maior solidez ao edificio; e della resulta tambem uma distribuição perfeita dos *triglyphos*, que correspondem assim aos eixos das columnas e ao meio dos *intercolumnios*.

Ha neste templo de Segesto uma outra singularidade de notavel. As columnas, em logar de serem *encanadas*, como é costume na ordem dórica, estão fechadas n'um revestimento, que excede o seu diametro natural: dois listélos cavados, um em cada extremidade do fuste, deixam vêr claramente este diametro. Daqui se segue, em primeiro logar, que o templo não ficou acabado, e em segundo logar, que os gregos trabalhavam as columnas encanadas, depois dellas já collocadas nos edificios.

Da praça de Athenas, onde se elevava o templo de Theseu, de que fallamos acima, ao Acropolis, onde ainda hoje se conservam as ruinas do Parthenon, corria uma formosa rua bordada de edificios, onde se guardavam os *trophéos* ganhos nos combates da intelligencia e do gosto, que todos os annos tinham logar no magnifico theatro de Baccho.

O Acropolis era precedido por um edificio magestoso a que chamavam os *Propyleos*, que lhe servia de portico, mandado construir por Péricles debaixo da direcção do architecto Mnesicles.

Este edificio tinha um frontispicio composto de seis columnas dóricas, a que se seguia um vestibulo, dividido em tres partes por duas linhas de columnas jonicas.

No Acropolis é que foi edificado o Parthenon, cuja perspectiva é representada pela nossa estampa. Este templo é inteiramente construido de marmore branco do monte Pentélico: a sua forma geral é semelhante á do templo de Theseu; os frontispicios tem oito columnas, e os lados do peristilo dezasete. O corpo principal é dividido em tres partes, o *pronaos*, o *nãos*, e o *opistodomo*. As columnas *encanadas* e sem base, assentando sobre um *embasamento* geral, teem uma inclinação sensivel para o interior do templo; como para resistirem á impulsão produzida pelo pezo do edificio. O *entablamento*, ornado de *triglyphos* e de esculpturas admiraveis, não tem uma face plana, mas pelo contrario segue uma linha concava, em cada lado do monumento, de modo que os angulos em vez de rectos são um pouco agudos.

Um portico duplo aformoseava cada uma das fachadas: porém as columnas interiores em vez de corresponderem ás da primeira linha, eram de um menor diametro, e desviavam-se um pouco da posição natural, o que, sendo um erro na arte, augmentava com tudo muito a belleza da perspectiva.

Os architetas gregos empregavam a côr, como um meio de enriquecer a decoração dos edificios. O templo de Theseu era pintado de azul nos *triglyphos* do frizo ou cimalha, e de vermelho nos intervallos ou *metopas*: o tecto do portico tambem era ornado de

pinturas, formando *estrellas, ovalos, flores, &c.* « Não havia em toda a Grecia, diz Mr. Bronsted, um só templo construido com perfeição que não fosse mais ou menos colorido, isto é, pintado de um modo que contribuisse para o effeito e rico aspecto do monumento pela côr harmoniosa das partes symetricas, e sobre tudo das partes superiores da construcção. A applicação da côr, era de tres especies: 1.<sup>a</sup> empregada como camada e sem nenhum effeito de illusão, para dar força á propria architectura, isto é, para realçar a côr insignificante dos materiaes; 2.<sup>a</sup> a côr servia para produzir illusão em certas partes da construcção, isto é, para o effeito das sombras, dos relevos sobre um plano lizo, em uma palavra, para fazer verdadeiros quadros, e por conseguinte substituir a esculptura; 3.<sup>a</sup> finalmente empregava-se a côr como complemento das partes propriamente plasticas. »

O Parthenon tambem foi ornado pela côr; e ainda hoje se encontram vestigios claros do modo porque ella se achava applicada.

As fórmas fundamentaes da architectura conservaram-se inalteraveis em todo o periodo florescente da arte grega. As ruinas que hoje restam desses tempos fazem ainda a admiração de quantos as vêem

Athenas era sobre tudo a maravilha do mundo antigo; os seus monumentos eram tantos e tão bellos, a sua riqueza e magnificencia eram taes que Lysipo escreveu estas palavras: « insensato aquelle que não de-  
« seja vêr Athenas, insensato aquelle que a vê sem a  
« admirar; mais insensato ainda o que a vê, a admira, e a abandona. »

*J. de Andrade Corvo.*

## AS OBRAS DA CATHEDRAL.

### A SÉ DE COIMBRA.

Coimbra já não é hoje a sombra do que foi. A côrte de Affonso I; a cidade em que batia o robusto coração da antiga monarchia não existe. Essa, que de longe vêmos tão risonha, que nos está sorrindo da corôa do monte, por bella que pareça ainda, não é mais do que um sepulchro. A piramide de edificios que se ergue no outeiro; os paços acastellados que se descobrem decrepitos, lividos do alento mirrador dos seculos, contam a historia de quasi todas as villas nobres de outro tempo. Não é Coimbra a velha quem nos patentea agora as suas portas; as casarias novas e cahidas demais o provam. Os palacios carcomidos e negros erguidos ainda é que attestam que a cidade moça não comeu de todo os ossos da antiga; e vacillando lembram que se piza a terra consagrada, em que repousa Affonso Henriques; — a scena poetica, ondê a saudade representa as elegias do amor de Ignez, e o ciúme, que banhô de sangue o leito nupcial de Maria Telles.

O diadema cahiu da fronte á rainha da Beira, á antiga côrte portugueza. Restam apenas esparzidas algumas das joias, que a ornaram. Que é da Alcôcova dos reis? Onde estão os fortes muros torreados e o castello famoso pela tradição de Martim de Freitas? Perguntai-o aos demolidores de todos os seculos. Que responda, desde a sombra do Marquez de Pombal que arrazou o alcacer, (esse ao menos para honrar a sciencia) até ao illustrado senador-conscripto, que fez leilão das suas portas chapeadas!

A cidade, para a qual o mouro olhava tremulo do inexpugnavel recinto de Santarem e do seio da opulenta Lisboa; a terra donde partiu o raio que as fulminou a ambas, Coimbra, descripta pelo viajante arabe Edrizi (1) com tão vistosas tintas, que é della? Os homens da philosophia material não a poderam trazer de todo á prosa ruim desta era? Que importa? Metteram o alvião ao monumento; e umas apoz outras gerações de Atilas fizeram-se gastadores em nome da harmonia da arte moderna. Que é feito das boas muralhas, cinto guerreiro da graciosissima collina, onde a filha do Mondego se reclinava? As tres portas, que se abriam para o rio e para os delectos campos; as torres, as vigias, a fortificação antiga onde estão?

Na epoca, em que vai passar a pia historica, que hoje contamos ao leitor, as ruas engasgadas, ingremes e lodosas baralhavam-se n'uma rêde de vielas, becos, e breves terreiros, formando o labyrintho inextricavel, de que são fiel imagem dois bairros velhos enxertados no interior da Lisboa de el-rei D. José. Á beira dellas não se perfilavam em alas d'uma parte e outra casas uniformes, alinhadas, e hirtas como Suisos diante da vara do instructor. Inutil fôra esperar o espaçoso, o suave pizo, e a limpeza, de que hoje se ufanam tantas aldêas até. Estreitas e sombrias ladeiras, torcendo-se aqui, quebrando-se acolá em quina abrupta, interrompidas por enchames de barracas ou por casas aninhadas ás tres e ás cinco, desciam do alcacer e da Sé, e enredavam-se em bairros escuros e emaranhados. Algumas habitações rompendo a cinta dos muros iam levantar-se fóra das portas, na cerca externa.

Em grande parte arabes as casas construidas dentro de altas paredes eram rodeadas de gallerias, rematando em ciradas. Estavam dentro dos pateos interiores onde á fresquidão das fontes se unia o ramalhar das arvores. Nos sitios mais modernos os tectos esguios, a torre posta ao centro, e a corôa de ameias annunciavam as moradas nobres; em quanto de um só andar ou todas terreas, como rasteira grama, vegetavam junto dellas as « tendas » segundo então chamavam ás barracas populares. Via-se alli em tudo o odio do livel e do compasso como succede nas cidades, que não surgiram á voz de um só homem. Obra de

(1) Edrizi acabou a sua obra geographica em 1154 (Janeiro) o que no texto se refere da cidade é transcripto d'elle — pela traducção de Jaubert.

diversas raças e crenças a architectura da cidade representava a resistencia dos tempos e das idéas; — era o documento vivo e irrefragavel da lucta de duas civilisações.

Quem entra em Coimbra, e olhando para o carcomido e palido portal da Sé Velha (hoje solitaria) vê as heras vestindo as ameias rotas, e a face rugosa do templo tão queimado dos seculos, pergunta a si mesmo se foi a mão da raça goda, ou a arte do arabe, quem levantou os pannos daquelles muros, a que o tempo deu a côr da mais remota antiguidade. Estão alli duas artes distinctas. Uma severa como a primeira fé dos soldados de Ourique, outra florida e caprichosa como a esperança dos navegadores que iam além dos mares estreitar a Asia nos braços de ferro. Por baixo do véu de labores do seculo XVI a antiga Cathedral mostra as feições austeras de seculos mais rudes. Assistira ella á queda dos conquistadores do Norte; ou filha do Islam e nascida dos orgulhosos walis sentiu depois nas arcarias profundas a voz de Sisnando, e as grevas do conde Henrique?

E' o que nos dirá a historia. Apar da verdade hade ir a tradição, a lenda popular que dá ás obras da arte e aos feitos heroicos a graça da primitiva imaginação poetica. A Sé de Coimbra tem uma historia nos documentos; e uma lenda nas crenças do povo; e nenhuma dellas se deve desprezar. Só ellas ambas podem completar o monumento sacerdotal que ennobrecia a côrte portugueza.

Nos annos de 1139 — 43 era bispo de Coimbra D. Bernardo; e a cathedral não se erguia, ainda como a vemos, no dorso do outeiro onde campeia. Os paços episcopaes e a residencia do prelado eram na igreja de S. João de Almedina, memoravel pelos attentados que ali praticou o famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar.

Mesmo naquelle seculo, em que as scenas de violencia pareciam naturaes, os crimes commettidos em Coimbra pelo arcebispo reputavam-se monstruosos. Uma serie de documentos descreve-os em toda a nudez, e fere de justa reprovação o arrojo do sacerdote que não recua diante do sacrilegio, e a audacia do prelado que não conhece outro limite ás suas usurpações senão a vontade despotica e o odio feroz.

O bispo de Coimbra morava em S. João; e a discordia cada dia se azedava mais entre elle e D. João Peculiar. Um dos priores da Sé Coimbricense tinha aquecido ao peito a vibora, que depois mordeu no coração de todos os seus bemfeitores. A hypocrisia fora a mascara de que se servira o orgulhoso arcebispo para subir os degraus do poder. Adoptado como filho, conego daquelle cabido, a sua gratidão durou até se cubrir com as vestes pontificaes. O habito de monge que usara no tempo do abbade João Cirita, os jejuns e penitencias com que se fingira austero e devoto foram então substituidos pela soberba e pelo luxo. Desde que não precisou mais da sombra da igreja virou-

se em preseguidor della, e nada esqueceu para destruir o berço donde se elevara. Ingrato e cubitoso, o baculo nas suas mãos foi uma vara de ferro para opprimir e vexar. O seu nome serviu de escandalo e de terror a todos os que não humilharam a honra e o dever aos pés do seu orgulho.

Invadindo Coimbra, D. João Peculiar ousou quebrar as portas da igreja de S. João, onde residia o bispo D. Bernardo, e arrazando os altares juncou o pavimento de vasos e cruces. Os candelabros partidos, os frontaes dilacerados e a hostia lançada por terra serviram de motejo aos seus clientes e de pasto á sua raiva. Unindo ao sacrilegio a expoliação arrombou os celleiros do cabido para se apoderar do que elles continham. A suberba e a crueldade, diziam os conegos são a unica inspiração a que obedece. (2) Innocencio II interpoz a sua auctoridade, porém debalde. O audaz sacerdote não era homem que tremesse diante dos raios do Vaticano. Tempos depois D. João Peculiar, escarnecendo a voz do pontificado, respondia aos commissarios apostolicos, *que nas suas terras era elle tanto como o papa!* » (3).

Foi sobre estes acontecimentos, e apenas atenuado o horror de tamanho attentado que o bispo Miguel se consagrou a erguer a Sé, protegido por Affonso Henriques. Corria o anno de 1177. As memorias contemporaneas relatam grandes obstaculos superados, e falam das tribulações e oprobrios padecidos pelo prelado durante a obra. Os documentos que ainda recordam novas violencias do arcebispo Peculiar (de 1175 a 1181) talvez se refiram a elle nestas allusões, que tão bem quadram com o seu character orgulhoso e implacavel.

O Livro Preto conservou-nos a noticia curiosa da fabrica da igreja e dos mestres que a compozeram. O preço dos salarios, e a fórma de o satisfazer não é menos notavel. Offerece materia tanto para o estudo do antiquario como para as investigações do economista. Nos laboriosos rudimentos da monarchia ainda na infancia, esta serie de factos é importante pela luz que ministra ao exame do estado social.

As obras foram emprendidas por donativos dos conegos e do bispo, que além de uma grossa quantia concorreu com uma junta de bois excellentes então avaliada em 12 morabitos (19\$200 pouco mais ou menos). O architecto mestre Bernardo, que dirigiu a construcção dez annos recebeu 124 morabitos (198\$400), comia á meza do bispo, e cada anno tinha um vestido completo do valor de 3 morabitos (4\$800). Mestre Bernardo apezar da boa recompensa

(2) Livro Preto de Coimbra fol. 246 in fini. . . . « Violavit ecclesiam S. Johan nis Evang. ubi moratur hoc modo Episcopus, Altare expoliavit et pannos altaris disruptit et per pavimentum ecclesie, cruces et candelabra fregit et corpus domini quod erat super altare in terram projecit. »

(3) Liv. Pret. fol. 247 in princ. . . . « Et sigillum vestrum (do papa) contempsit sed etiam in terra sua se ipsum tantummodo papa esse jactavit. »

não nos parece o maior Salomão deste templo; na conta da despeza achamos outro architecto, Roberto de Lisboa, quatro vezes vindo a Coimbra para melhorar toda a obra e sobre tudo trabalhar no portal da igreja. Este segundo Adonirão viajava modestamente com uma escolta de quatro moços e quatro jumentos, oito bocças insaciáveis que o bispo era obrigado a sustentar de cevada, pão, carne e vinho, além da somma avultadissima segundo o preço do dinheiro naquelle tempo de 1510 morabitanos (2:416,3000) que lhe pagou o mordomo do bispo. Ao architecto Bernardo de jure e herdado investido na pingue direcção da obra succedeu por sua morte mestre Sueiro, também architecto; mas este já sem a regalia do talher á meza episcopal, e com a propina de um vestido, um quintal de vinho e um moio de pão.

Já dissemos que Roberto de Lisboa corrigiu toda a obra, e que mais particularmente se applicou aos trabalhos do portal. Não foi porém o unico chamado de fóra. Vemos também citado entre outros mestre Ptolomeus, nome que de certo indica um artista bysantino; é auctor de um retabulo dourado para frontal, e do quadro lavrado a ouro em que estava pintada a Anunciação da Virgem. A este precursor de Benvenuto Cellini pagou a Sé de Coimbra 150 morabitanos (240:000) por anno; e ao ourives Felix, que fez o jarro e bacia de prata do serviço da missa deram-se 7 morabitanos (113200) pela mão d'obra.

Tanto na composição e ornato das aras e columnas do altar de Santa Maria, como no pavimento das absides lagueado de mozaico em xadrez gastou-se 40 morabitanos (643000). Uma cruz de ouro puro também dadiua do bispo era a maravilha dos ornatos. Cravejadas no metal viam-se algumas lascas do santo lenho, e duas particulas da pedra do Monte Calvario. N'uma dellas, ao meio da cruz, estava esculpida com primor a imagem de Christo Crucificado, e da outra parte a figura da «Mater Dolorosa.» Afóra estes presentes são innumeráveis as offerlas de vasos e vestimentas, com que o prelado enriqueceu o thesouro da cathedral, vigiando e subsidiando a obra mesmo de dentro da cella do convento de Santa Cruz, onde se recolhera ferido de enfermidade grave.

Toda a singelleza da meia idade vive nesta noticia lançada por um conego no grande registo da cathedral. Esse architecto, que o bispo honrava sentando-o á sua meza e vestindo-o todos os annos não é de certo prova de que se desprezassem as artes. A vinda de Roberto de Lisboa, que parece ter sido o gram-pandecta da architectura, para corrigir os erros do seu douto confrade e enlaçar os labores e as estatuas, que revestiam o portal de uma epopeia sacra, não nos parece depoimento muito favoravel ao talento imaginador de mestre Bernardo. O portal era sempre o typo da elevação da eschola architectonica, e a chave do enigma religioso escripto no grande vulto do templo. Os quatro jumentos, em que viajava o successor de

Vitruvio e os mercurios que o seguiam são accessorios característicos para se fazer idéa exacta da opulencia do artista, cuja presença equivalia a uma derama de guerra lançada sobre o cofre e celloiro episcopal.

Parece-nos que o nome de Roberto auctorisa a conjectura, de que o architecto fosse da raça do norte, vindo talvez em alguma das armadas de cruzados, que tão frequentes vezes aportavam a Lisboa. Sendo assim nada admira que o bispo desejando dar á nova Sé a maior elegancia e perfeição procurasse o conselho e direcção de um artista formado na eschola que produziu as maravilhas architectonicas que Munich imita, mas não eguala ainda hoje. Com elle mestre Bernardo podia aprender sem pejo; e Coimbra levantando a cathedral, podia exclamar com orgulho — «a nenhuma inferior no reino!»

De feito ha na Sé de Coimbra um caracter indelevel de grandeza religiosa. Mesmo depois das renovações do bispo D. Jorge de Almeida em 1540 e do bispo D. Affonso de Castello Branco no seculo XVII, o sentimento que predomina respira a arte menos florida e mais crente da epoca da fundação. O architecto, que imaginou o templo soube gravar nelle o typo de uma belleza austera e elevada, que não o deixa confundir com outro, e a despeito dos estragos e reparações successivas lhe conserva a unidade sacerdotal que exprime. De traz da sua corôa de ameias, com as torres, que lhe amputaram, a antiga cathedral era a imagem da igreja militante. Por cima da veste clerical tem a couraça de guerra, como o monge e o bispo envergavam o arnez e o capello d'aço sobre os habitos. Por fóra um castello, por dentro uma casa de sublime devoção, em que a fê se abraça com a esperanza e vóa da terra ao céu!

Tresladámos a historia como os monumentos a referem (4). Ao proximo numero compete contar a Lenda, em que figuram os mesmos factos e os mesmos personagens vistos de mais longe, e corados pelo prisma da imaginação popular. Segundo as crenças poeticas do seculo as potencias do empyrio e do abyssmo não podiam assistir neutras á crecção do monumento. Sempre que o homem traçou levantar a Deus um

(4) Esta descripção é tirada quasi textualmente do liv. Pret. de Coimbra pag. 2, in princ., de um documento cujo titulo é «*Minutatio testamentorum sive hereditatum Sedis S. Mariae Colimbriensis.*» Ahi se acham todas as circumstancias curiosas que notamos, e se obtem aproximadamente a epoca da fundação da Sé até hoje desconhecida. A antiga cathedral já não pode esconder mais tempo o segredo dos seus annos. Filha d'Affonso Henriques é collaça da monarchia e senão remonta aos godos e aos arabes pertence a um período sagrado pela victoria e por tantos prodigios de valor e abnegação. Na realidade era difficilissimo quadrar a existencia remotissima attribuida á Sé Conimbriense com o facto provado da completa destruição da cidade. Só um milagre podia fazer que reduzido tudo a ruinas apenas escapasse de pé a cathedral para justificar os brazões archeologicos de que a queriam canobrecer.

destes hymnos de pedra, apparece o archanjo das trevas a dar batalha ao altissimo, e a perseguir de angustias e ciladas a arte da regeneração christã.

L. A. Rebello da Silva.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XV.

*Como debaixo dos pés se levantam os trabalhos.*

(Continuado do n.º 17.)

O negocio ia-se tornando feio, e o nosso amigo tratou de pregar uma peça aos devotos, e ás desdentadas Suzanas de Coimbra. Um dia roubou o diabo.

Roubar o diabo!?... Por que não! roubou; metteuse leigo. Mas o habito não faz o monge? Assim é. E por isso mesmo com habito como sem elle D. Muninho continuou a ser um grande velhaco. O seu fim era escancar-se nas ancas do verdugo, e enforçar o demonio com a volta de corda, em que lhe ia enrolando o gasnate.

Para esta grande obra o ex-almudeiro sacrificou-se a não frequentar as vielas das tavolagens e tendas de vinho. Entaipado na igreja desde que se abriam as portas esperava para sahir que ellas se fechassem. Quando lhe pareceu tempo, deitou-se aos pés de Fr. Munio, confessou-se com elle, esbofeteou os vicios e peccados do seu desregrado viver, e tanto se carpiu, e tanto se chorou, timida ovelha exposta ás tentações do mundo, que o monge com o santo prazer de ter arrancado aquella victima ao inferno, o amoestou a gravemente fugir dos perigos do seculo, e a resgatar com a penitencia do ermo tantos annos de cegueira. Isto mesmo era o que D. Muninho desejava. Com o escapulario de S. Bernardo os farricoucos, as beatas, os alvavis, e o saião, haviam de roer as velhacadas, que lhe aprovesse engenhar. Quatro mezes depois, os Senecas da leal cidade, abanavam as orelhas, vendo-o caminhar de capuz cahido atraz do seu virtuoso protector.

Dentro do claustro a hypocrisia substituiu o descaramento da vida anterior. O retrato, que o chronicon Laurishamense nos deixou dos Barbatos parece copiado deste exemplar. — « Barbados de bode; costumes asquerosos; soberbos e devorados de cubiça. Hypocritas, arrogantes, e embaidores. » — Fr. Trolho possuia a quinta essencia de todas estas prendas. Nas viagens, arremedando a sincera religião do veneravel Fr. Munio, o Tartufo fartava-se de regaladas cêas e jantares. No mosteiro, tivera arte de penetrar no *limbum*

*patrum* da dispensa e da adega, cegando os olhos do argos que vigiava a primeira, e embuxando as goellas do cerbero que vedava a segunda. Espichou as cubas monumentaes; limpou as arcas do abbade; enguliu os mais gulosos acepipes reservados ao paladar do reverendo padre em Christo, e ainda por cima atreveu-se o impio! a ser o açoute dos irmãos encarregados destes importantes ministerios. Andou tudo n'um rodopio naquella santa casa. Os padres-conscriptos murmuraram do abbade; o abbade teve accessos repetidos de *spleen*, e n'um delles quiz abdicar; e os dois dispenseiros benziãem-se, e deitavam as culpas ao demonio, requerendo exorcismos e benções para a adega. No meio do barulho, o nosso amigo ia sempre creando mais roscas nas duas barbas, e arredondando um ventre que denunciava o seu profano amor dos prazeres carnaes.

O segredo estava, em que D. Muninho aprendera entre outras artes liberaes o officio de ferreiro; e os desgraçados frades fechavam com uma chave o que elle abria com outra.

Demorámo-nos demais com o Barbato não podendo resistir ao gosto de cantar os seus louvores. Agora apressemos o passo, para vêr onde está o Sr. D. Zuleima, thesoureiro d'el-rei D. Affonso.

Era tal a importancia do seu cargo — assim o julgava elle pelo menos — que nomear-se e escancararem as portas dando-lhe as boas vindas foi tudo o mesmo. — Se o rabino soubesse, que havia ordem geral de negar pousada a todos naquella noite talvez fizesse mais algum reparo na honrosa excepção.

Mas onde está elle, este querido Zacarias Zuleima? Eil-o que chega justamente, com aquellas faces córadas, fisionomia risenha, fallas macias, calva luzidia e rosada, que revestiram sempre o « Agiota » plebeu e *burocatico* de um certo quê, aonde reside toda a individualidade do typo.

Como vem guapo! De seus dois pagens ao lado, e de sua escolta á Suly pegada á cauda! Nos cumprimentos com que ensurdeciam o judeu, nos obsequios, de que o moiam, nada havia de serio. Para qualquer se convencer disso bastava que visse as olhadellas de escarneo, que o Sr. Vasco Lourenço deitava a furto ao Sr. Fernam Peres. Era uma comedia soffrivelmente representada.

Compondo-se a exemplo dos pagens a turba dos serviçoes mostrava o maior respeito ao hospede, cuidando que tal era a verdadeira tenção do acaide. A cachinada, o tropel, e o raspar de pés levantam um alarido formidavel. No meio deste cortejo, e quasi arrastado por elle, D. Zuleima passou diante da cozinha, namorando com saudade o bom fogo da lareira. Empurrado perém com doce violencia a tiritar de frio veiu direito ao aposento, em que Fr. Muninho dormia o melhor do seu somno.

A tropiada fôra capaz de ressuscitar um defunto. O estremunhado Barbato, abriu os olhos e fechou-os

logo, cego da claridade das tochas. No alvoroço do susto e todo espavorido atirou consigo ao chão para não o apanharem em flagrante de leza-penitencia.

— «Deus seja . . . comvosco» murmurou elle ao mesmo tempo que esfregava os olhos.

O *comvosco*, acabou-o no sobrado aonde se estatelou. O habito embrulhou-se-lhe nos pés, e fez-lhe dar de narizes uma queda famosa. Por cumulo d'infortunio, como succede aos que vão calir, agarrou-se á primeira cousa que viu, e a arca vasia puxada com ancia dançou, e tombou-se-lhe em cima de uma perna. O frade não se podia levantar.

— «Os demonios te levem!» gritou elle praguendo, como o melhor besteiro.

— «Amen!» respondeu compungido Fernam Peres, acudindo a sua «Caridade.»

As gargalhadas, os ditos chulos dos circumstantes, e a consciencia do tristissimo papel, que estava fazendo, desorientaram de todo a cabeça ao filho de S. Bernardo. Apenas levantaram a arca, ergueu-se, cuberto de suor, esfaldado, e com tal pieira no peito, que não podia respirar. Medindo os espectadores do seu desastre com a vista ameaçadora, debalde procurava o cinto do habito, que solto e largo fluctuava como amarrotada camiza de banheiro.

— «Estou em casa de christãos?» perguntou por entre a tosse e a pieira.

— «Estaes em terra de judeus santo leigo, como podeis vêr, volvendo do céu á poeira que pizacs esses devotos olhos.»

E fallando assim Vasco Lourenço, no meio de profunda geneffluxão, grave e imperturbavel, beijava-lhe beatamente a manga do habito.

Quando acabou, uma risada grossa e maciça resouu na sala á custa do leigo, que tremia de raiva. O Barbato vendo-se alvo do escarneo publico sentiu arrepios de renovar a aventura do clérigo de Braga, lytographando o gracejador emberbe na parede com um pontapé. Mas calculou que apesar da sua largura o corpo ainda seria pequeno para os agradecimentos. Por isso, como prudente resignou-se a ficar só com o desejo. O mais assisado era disfarçar e não provocar maiores injurias com amuos ou violencias. Com tudo, tomando essa resolução, sempre marcou o Sr. Vasco Lourenço para tarde ou cedo, em logar oportuno, lhe mostrar a sua eterna gratidão.

O leigo sacudia-se, espanejava-se, e não podia achar um cordão para o habito. O judeu despia o capeirão de lã forrado de pelles de cordeiro, e desafrentava a cabeça do amplo sombreiro que a resguardava. De tudo escorria agoa em fio como das cumeadas d'um telhado.

Tratava-se de cêar. D. Zuleima abria a bocca até ás orelhas com eternos bocejos de fome. O leigo suspirava de debilidade. A boa hospedagem não pedia demorar mais o importante acto, que os dois por todos os medos reclamavam. Fernam Peres foi o orador da

fome. E, com tanto successo elogiou as doçuras da comida sobria, que de o ouvir só crescia a agoa na bocca aos clientes.

Vasco Lourenço callado meneava a compasso o pescoço profundamente commovido com a rethorica do seu amigo. D'ahi a um instante esgueirou-se, e principiou a farejar pela cosinha. Contam que entre elle e o erudito Estevão Alho se travára um dialogo admiravel, que se chegasse ao nosso tempo, enriqueceria a «Arte da Cosinha» ainda escripta por algum par do reino de muitas e sagazes observações. Desgraçadamente perdeu-se.

Os serviços estendem na mesa os *mantens*, ou toalhas. Põem os *prateis* (pratos) e as taças de estanho luzente. Naquellas eras de simplicidade não se conheciam outros ornatos até nos mais fastuosos banquetes. Cada convidado tinha um garfo de cinco dentes na mão, que enterrava nas entranhas dos guizados, e asoprava com donaire para a enchugar dos molhos. O punhal pendente do cinto servia de faca. Moda economica, na qual viajava cada um com metade do seu talher! — Arrumando os escanbos, segundo as ordens de Fernam Pires contaram-se dois logares sómente um a par do outro. A final atraz de Vasco Lourenço entraram dois servos com uma larga escudella, fumegando dentro um manjar de forçura, dobrada, e pés de urso. Em vaso de barro collossal, de duas azas, continha-se o nectar. — A alegria brilhou no rosto dos dois commensaes de Santa Ollaia.

O Barbato correu a lingua pelos beiços, e a vista namorada ia do cangirão para a escudella, e da escudella ao cangirão com ineffavel ternura. Entre tanto os acenos de Vasco Lourenço não o arrancavam de cima da arca, aonde se assentára. Olho na dobrada, olho no judeu, e olho no pagem inchava as ventas, e sorvia com delicias o cheiro apetitoso. D. Zuleima, com a jornada, e com a magra pitança de borda seca de uns foreiros usurarios sentia-se capaz d'engulir a forçura, a escudella, e o frade em cima de tudo para enchugar o estomago.

Sem cerimonia pôz-se á mesa, e com a colher de faia, espetada no meio, mudou da escudella para o seu prato a terça parte do que a accugulava. O ar resolutivo e a voracidade, que exprimiam as feições do homem de Gallilea eram tão naturaes, que o Barbato esfriou todo. «Se o judeu deita as garras áquelles bons bocados — murmurava dolorosamente — é mais que provavel passar eu a noite a roer o chispe escarnado d'um pesunho d'urso!»

A questão com tudo era seria. Os canones não brincavam no capitulo de comer e habitar com judeus. Os seculares e muito mais os clérigos, que os transgredissem, viam a excommunição suspensa como o raio de Deus sobre a cabeça. — A fome e o ventre clamavam, que a excepção não mata a regra. A disciplina e a religião bradavam, que a quebra do preceito é tão criminosa por um como por dez. Entre a

voz dos escrupulos e os gemidos do estomago — o leigo fez á barriga o sacrificio immenso de se contaminar na sociedade do ex-farizeu. « Sem ceia! » era o mote que rolava por entre os vágados de fraqueza que lhe estonteavam a ascetica cabeça. « Sem ceia! O meu padre S. Bernardo não permita tal escandalo! » — a suprema agonia do dilema, em que lhe estourava o ventre de fome, ou a consciencia de terror — não se cortava senão por uma valente marrada nos canones, ou na ceia. Deu-a nos canones.

Mas antes armou-se da pálida resignação, que tanto sabor dá aos actos de humildade ou de heroismo. Resistiu, calçou aos pés os deleites vis da carne, abençoou a occasião de offerecer a Deus as mortificações, com que o provara e com um desaforo, digno dos seus nobres precedentes, teve audacia para se empoleirar no pedestal, e novo « Pedro Hermita » — prégar a cruzada da abstinencia. O velhaco, por instincto adivinhava as modernas sociedades de « Temperança » britânica!

D. Zuleima é que estava seriamente enjoado dos momos beatos de sua « charidade. » Pouco lhe importava, que o frade comesse ou deixasse de comer — mas queria que as « explicações previas » acabassem depressa. Estava como os basbaques da galleria, que não reparando nas flôres da rethorica parlamentar — praguejam pela « ordem de dia » que se demora.

Aborrecido devéras, o rabino passou o « Rubicon », enterrando os dedos no prato, e levando a meio caminho da bocca o primeiro bocado. O leigo cubriu-se de suores frios.

— « Não posso » — respondia elle pela sexta vez ás instancias de Vasco Lourenço. — A nossa benta regra manda que os servos de Deus fujam do contacto immundo dos cães esfaimados, servos e adorados do diabo. »

Onvindo-se elogiar com tanta civilidade D. Zuleima, embuxou á pressa o pão que mastigava, e meio afogado ainda com os olhos acesos em raiva exclamou:

— « O Santão mente. Cães são os nazarenos hypocritas como elle. »

— « Vasculho, serpente, sanguessuga dos christãos! » — berrou o frade, fechando o punho, e escumando de cholera — uma fogueira e uma camisa de pez era o que tu merecias, e não a regalada ceia e com que cévamos a gulodice de um farizeu-escariot. »

— « Vai » — bradou o judeu com desprezo — vai ter com as filhas de perdição, com os almocreves de vinho, e com os tavoleiros-ladrões, odre de peccados e luxuria; e vê se elles te emprestam os vinte dinheiros, que me roubaste ha dois annos, vespóra de S. Pedro, na Ponte de Coimbra. Bem te conheço. »

— « Mentés, eu nunca roubei!... » gritou o leigo palido de susto.

— « Para roubares tudo até roubaste á forca e á justiça esse corpanzil; e ao verdugo a boa corda ca-

nave de tres ramaes. » replicou D. Zuleima com uma gargalhada triumphante.

O Barbato deu um rugido de fera, e atirou-se ao judeu, depenando-lhe as barbas. Mestre Zacaarias, mais por medo que por defeza, esganou-lhe a garganta com ambas as mãos, pondo quasi azues as reverendas faces de sua « Caridade. »

— « Os vinte dinheiros hão-de-te sahir agora por essa goela do inferno, Lucifer com tunica de Santão. »

— « Larga-me cão damnado... » rugia o leigo meio enforcado.

Fernam Pires, Vasco Lourenço, e os serviçaes, que esta scena divertia como é de suppôr, separaram os dois atheletas, que ainda de longe se ameaçavam e esgremiam injurias em vez de punhadas.

— « E não ha uma fogueira para a aquella çantopeia que se atreve a babar de calumnias o habito de S. Bernardo! »

— « Eram vinte dinheiros... — interrompia o judeu. » Vinte digo eu! vinte e dois e tres mealhas...

— « Vinte çafados e tortos! » berrou o frade com ira. « O judeu mente! »

— « Confessa, confessa! » gritava D. Zuleima em voz de Stentor. Gargalhadas e aclamações applaudiram o cinismo do Barbato, e o entusiasmo do judeu.

Satisfeito com esta victoria o rabino mettu a mão no prato, e dispoz-se a aproveitar o tempo perdido. Fr. Muninho deu dois passos para a mesa, a fez umas momices lacrimosas exclamando. — « Antes um bocado de pão negro!... E' contra a nossa santa regra. »

O judeu parou. E Fernam Pires, em quanto elle fica de mão alçada e com um naco a força nos dedos chegou-se ao leigo, dizendo-lhe o que se verá no seguinte capitulo.

## CAPITULO XVI.

*Uma céa cara.*

— « Creio, devoto leigo — acudiu Fernam Peres com ar grave — que seja essa a regra do mosteiro; mas não estamos agora no refeitório; estaes em casa do alcaide D. Nuno, que assenta á sua meza os hospedes, que Deus manda; e se um caso grande o não estorvasse vél-o-hias aqui ao lado do muito honrado thesoureiro d'el-rei. »

D. Nuno, ou Martim Paes não sabiam da fôrça que os dois trayessos rapazes tinham ajustado, nem lhe importava nada que taes hospedes morressem de fome, ou ceassem na cozinha. O pagem mentia desaforadamente como pagem; mas D. Zuleima estava encantada de o ouvir.

— « Antes jejuar! » suspirava o Barbato.

— « Enterrai-me os escrupulos » — atalhou Fernam Martins — uma vez não são vezes. Sempre tenho ouvido, que na jornada, o peregrino ha-de comer do que lhe dão, e abençoar a mão que o soccorre. »

— « E a preceito?!... »

— « O preceito?... Mettei-o nas marmitas de Cister. — São outros ares aqui; outra gente... »

— « Um judeu!... Ainda se fosse mouro!... »

— « Era peor. Os mouros dão pancada, e os judeus levam-na. »

— « Em fim!... quem vos ha-de dizer que não? Tendes artes!... Deus e o padre S. Bernardo, que me levem em desconto o sacrificio. Sou pobre. Os pobres não escolhem. »

O Barbato, tambem, mentia descaradamente.

Com esta especie de armesticio o leigo e o judeu entraram em sociedade; porém, olhavam-se, e olhavam para o prato, com a boa sombra de amizade, de dois rafeiros, ameaçando-se por amor da preza.

— « Vejamos este vinho, se estará bom, que se beba! » dizia Fr. Muninho enchendo a taça a trasbordar. — « Não comeis? » — proseguia, virando-se com a bocca cheia de pão, para Fernam Peres, que lhe tinha cahido em graça pela subtiliza, com que deslindava os casos de consciencia.

— « Deus me livre! — retrucou o maldoso pagem — eu farto e cheio havia de ir comer esse pouco, que mal chega para hospedes necessitados?! »

O Barbato applaudiu a reflexão. A these posta era doutrina orthodoxa para o nosso ex-almudeiro.

— « A' paz da igreja! á confusão dos infieis, dos herejes e dos excommungados! » gritou elle, levando a taça aos beiços.

D. Zuleima, em quem a allusão batia como setta no alvo, encolheu os hombros, e com desprezadora indifferença mastigou em fim o aziago pedaço de dobrada, que ha tanto trazia nos dedos. De nenhum dos dois era de esperar o que succedeu.

O frade atirou a taça que foi a rolar pelo chão. D. Zuleima, deu um grito, e largou o bocado, que mettera na bocca.

O leigo, roxo-terra, berrava por agoa que estrugia tudo. O judeu com os queixos torcidos, e as lagrimas nos olhos, fazia as mil visagens de um sauguim para requerer o mesmo.

— « E' vinho da adega do inferno » — bradou o reverendissimo com teimoso pigarro na garganta. — E' agraço, ou vinagre, a zurrapa... continuava fitando furioso o velhaquete Vasco Lourenço, que se revestiu do ar soberano da innocencia calumniada.

— « Sal e pimenta! » — choramingou o rabino melancolico, com a lingua inchada — e por cima o unto do animal immundo. »

Ambos tinham razão. O mólho do guizado fora apurado com mãos cheias de sal e pimento. O vinho, caldeado com cerveja azeda e vinagre de rabião. O Sr. Vasco Lourenço tinha ensaiado a mão nestas duas faanhas.

A cada tregeito, a cada momice nova dos padecentes redobravam as risadas. O frade entre os fucinhos arreganhados, que o cercavam, apercebeu toda risi-

nha a mascara de Vulcano do heroe das fornalhas. Desde esse momento as suspeitas passaram de Vasco Lourenço e tomaram corpo de certeza sobre a caboca criminosa do mestre Estevão Alho. D. Muninho jurou vingar-se, e como se verá, desgraçadamente não foi homem de palavra.

Na realidade a situação era horrorosa. Não só o judeu e o frade estavam sem ceia, mas sobre isso, um com as goelas escaldadas de vinagre, e o outro com a bocca empolada de pimento. Até ao mesmo Fernam Peres a peça pareceu pezada. — Entre tanto, aguardou, para vêr como os dois martyres alargavam o torniquete.

L. A. Rebello da Silva.

(Continua.)

## POESIA.

### CANTO DO ARABE.

AO MEU AMIGO D. JOÃO DE MENEZES.

Les lions sont fiers parce qu'ils sont libres.

Qui ose m'approcher quand je parcours  
de nuit les montagnes et la plaine?

Mon nom doit troubler leur sommeil, si la  
terreur les permet de goûter quelque repos.

Fragmentos do Poema de Antar.

Sou das orlas do Oriente,  
Desta plaga não avara  
Dos feitos da forte gente  
Das tribus, de força rara:  
Sou Arabe e musulmano,  
Sou Senhor, e Soberano,  
Se me offendem, — sou tyranno  
Dos desertos, 'té Sahára.

Destas terras, sou eu Rei:  
Quanto abrange a vista, — é meu:  
Quem promulga aqui a lei,  
A baixo de Allá, — sou eu!  
Treme o Sheik da altiveza  
De meus olhos, — da nobreza  
Com que fulgem com viveza  
Como o astro lá no céu!

Nos Divans de meu Harem,  
Tenho formosas sem fim,  
Reclinadas com desdem,  
A suspirarem por mim;  
De seus carinhos sobejos,  
Adormeço nos desejos,  
Emballado pelos beijos  
De seus labios de carmim!

E qual louca mariposa  
Que namora toda a flôr,  
Mas reserva a mais formosa  
P'ra beijar com mais ardor;  
Beijo o seio que se agita,  
Amo a alma que palpita,  
Mas escolho a Favorita  
P'ra lhe dar o meu amor.

Faço-a rainha e senhora  
Deste ardente coração:  
Amo-a tanto, — quanto adora  
O Propheta o Alcorão:  
E abato a tez orgulhosa  
Sob os seus labios de roza,  
Quando os descerra... vaidosa  
Como a roza do Japão!

Que m'importa a Europa a mi?  
Não tem cousas como cá!  
O surgir do sol, aqui,  
E' diff'rente do de lá!  
Lá não estruge o vulcão,  
Nem ha uivos de Leão,  
Nem o Arabe no chão  
Prostra a frente por Allá!

Se lá cresce a lorangeira  
Pelas encostas do val;  
Aqui, veceja a Palmeira  
Sobre as ondas d'areal!  
Mal aqui rompe a manhã,  
Sahe o Arabe do Kan,  
Prende á cinta o yatagan,  
O trabuco, e o punhal.

E se nos ares se atêa  
Ignea chama; — e rouco som  
Sahe fervente co'a arêa  
Das golfadas do Simuon;  
Reja o corpo e paira incerto,  
Sobre as ondas do deserto  
A correr em leito aberto  
Como as agoas do Cedron!

Mas se das garras do p'riço  
Já me escapo com valor;  
E a vista do inimigo  
Vem trazer-me outro maior;  
Então parto a toda a brida,  
Como um raio, na corrida  
Embebendo em cada f'rida  
O meu sedento furor!

Venha aqui o viajante  
Contar feitos lá do Cid...  
Que se me ponha adiante

A disputar-me o dgerid;...  
Que lhe posso aqui mostrar  
N'um só golpe que hei-de dar,  
A cabeça a rebollar  
Decepada nessa lide.

Traz em braza a fronte ardente  
Quando nasee aqui o sol!  
Ferve o saugue do oriente  
No matutino arrebol!  
Ergue a fronte soberana  
A Naka, que já se ufana  
De mirar a caravana  
Serpeando arida mol!

Roe de inveja aos potentados  
Meu rico manto d'Emir,  
E meus cofres entulhados  
Do ouro puro, de Ophir!  
Escarneço de pelouros;  
Se manto quiz, e thesouros;  
Fui ganhal-os entre louros  
Co'os golpes que sei brandir!

Dizem os reis lá da Europa  
Que sou rei da Barberia!...  
Nem vêem, que a sua tropa  
Lhes sustenta a tyrannia!...  
No deserto, o povo bravo  
Peleja por desagravo:  
E lá o povo, — é o escravo  
A' sombra da Monarchia.

E mais livre, e mais temido  
Sou na minha potestade,  
Que o falso rei que é sustido  
Por mentida liberdade:  
P'ra defender a morada,  
Não peço força emprestada,  
Que é sobeja a minha espada,  
E mais sobeja a vontade.

Por isso guardem seus thronos,  
Se os consentem ahi...  
E nunca se inculquem donos  
Do que não ganham por si:  
Que lá de thronos herdados  
Sem lustre e gloria alcançados  
Não nos quero, — mesmo dados  
Que me deshonorão a mi!

Sou Senhor e Soberano  
Dos desertos, — 'té Sahára!  
Sou Arabe e musulmano,  
Das tribus de força rara!  
Sou das orlas do Oriente,  
Sou Emir da forte gente,  
Sou da raça mais valente,  
Desta plaga não avára!

A. J. de Sousa Almada.

## NOTÍCIAS.

## THEATRO DE S. CARLOS.

Abriu-se a nova estação theatral no dia 22, com uma opera de Sanelli = LUIZA STROZZI. = A muzica desta opera tem bastante merecimento, e apresenta alguma novidade.

A Sr.<sup>a</sup> Secci-Corci, que debutou nesta peça não é uma *prima dona* de força, a sua voz já está bastante gasta; porém ainda assim vale mais do que as que a empresa nos deu na estação passada. Dizem-nos que a outra *prima dona* canta melhor, e tem uma voz mais perfeita do que a Sr.<sup>a</sup> Secci-Cacia; mas como isto se diz sempre das damas que ainda não cantaram diante do publico, esperaremos que ella debute tambem para formarmos o nosso juizo.

O Sr. Zuchini, o baritono que debutou no Domingo, é um detestavel cantor; pelo menos cantou detestavelmente em *Luiza Strozzi*: attribuem esta desventura a uma constipação que o enroqueceu, porém o publico não accitou a desculpa, e deu pateada. Proximamente fallaremos com mais extensão da muzica da nova opera.

## FUNDOS PUBLICOS.

Em 25 de Outubro.

## PRAÇA DE LISBOA.

No dia 23 de Outubro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	1\$920	1\$900
Tres operações.....	20	22
Inscrições de 5 por cento.....	47	48
Ditas de 4 por cento.....	40	41
Papel-moeda.....	11	12 m. forte
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6. <sup>a</sup> parte	84	85
Ações do Banco de Portugal.....	455\$000	460\$000
Ditas das Lezirias.....	360\$000	370\$000
Ditas — Seguro Firmeza.....	380\$000	370\$000
Ditas — Fidelidade.....	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus.....	70\$000	75\$000
Ditas — Pescarias.....	27\$000	28\$000
Ditas — Vapores do Têjo.....	19\$200	21\$000
Ditas — União Commercial.....	56\$000	58\$000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	70\$000	72\$000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	100 por acção.	
Obras Publicas.....	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional.....	385\$000	389\$000

## ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 13 a 19 de Outubro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. <sup>s</sup>						
Entrada.....	923	31	191	54	25	32	6	—
Despacho.....	689	3	53	3	339	18	21	—
Existencia.....	7844	1	2366	43	680	45	120	51
Preços.....	400 a 540		220 a 240		340 a 360		280 a 320	

## AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Filipe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, José Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoal do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Baleia, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.<sup>a</sup> — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco José Pereira Braga. — Alpalhão, em Extremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.

## ERRATAS.

No n.<sup>o</sup> 17 da Epoca a pag. 258 onde se lê = *organogenicos* = deve ler-se = *organogenios* = a pag. 259 onde se lê = das terras = deve ler-se = *da terra* = na mesma pag. onde se lê = *metrio* = deve ler-se = *merito* = a pag. 260 onde se lê = *Plinio Olixio* = deve ler-se somente = *Plinio*.